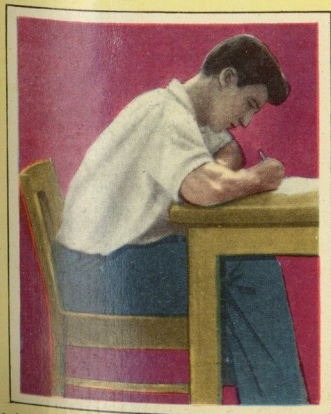
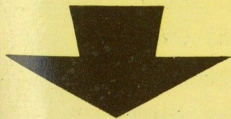


CRÓNICA Desportiva

COSTA PEREIRA

Faz dez perguntas aos
seus admiradores:



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Desportiva

N.º 14 — 14-7-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e Impresso nas oficinas da E. N. P
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os Domingos

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

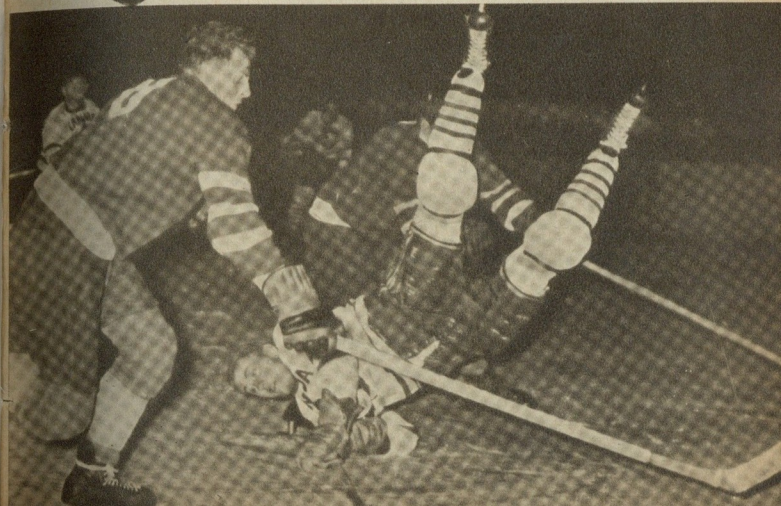
**MAIS
ESPECTACULAR
QUE O
HÓQUEI
EM PATINS!**

Conhece-se mal, entre nós, o hóquei sobre gelo. Mas além fronteiras, melhor, para lá dos Pirinéus e em todos os países da Europa, Américas e Austrália, o hóquei sobre gelo é um dos desportos que mais atraem as multidões. Logo por sete elementos de cada lado em três partes de 15 minutos cada, o hóquei, sobre gelo, que consiste em fazer entrar na baliza, igual à do hóquei em patins, um pequeno disco de borracha negro, é um desporto violento — mas ricamente pago.

Mais espectacular do que o hóquei em patins tem nos canadianos, norte-americanos, russos e checos os seus praticantes mais fortes.

Em equipas de clube, o Racing de Paris é a mais famosa da Europa, pois a sua turma é, quase na totalidade constituída por canadianos de origem francesa.

A imagem que apresentamos confirma a espectacularidade desse extraordinário desporto.





VÍTOR BARNA

O mago do pingue-pongue

Vítor Barna nasceu na cidade de Budapeste, capital da Hungria em 1912, e começou a jogar ténis de mesa aos 13 anos, quando foi oferecida ao seu condiscípulo e amigo, Lazlo Bellak, uma colecção completa de acessórios para o jogo.

Durante três anos treinou intensamente, derrotando todos os rapazes, que o tinham por adversário. Em 1928, então com 16 anos apenas, Barna, conquistou o seu primeiro título: de campeão nacional húngaro de ténis de mesa, na categoria de juniores.

Volvidos dois anos — em 1930 — Barna concorreu pela primeira vez ao Campeonato do Mundo, realizado em Berlim. Perante o espanto e a admiração dos seus adversários o jovem húngaro ganhou com todo o merecimento e sem derrotas o título de Campeão do Mundo de Ténis de Mesa.

Em 1931 — (repare o leitor que certos anos impares trouxeram-lhe dificuldades) — Vítor Barna concorreu pela segunda vez ao Campeonato do Mundo, mas foi desapossado do título que havia ganhado em Berlim.

Continuou a preparar-se com afinco e a sua persistência não tardou a ser recompensada, porque logo no ano seguinte Barna voltou à posse do título de Campeão do Mundo — título esse que revalidou quatro anos consecutivos — «record» difícil de igualar.

Em 1935 o grande campeão foi vítima de um terrível desastre de automóvel que lhe ia sendo fatal. Em resultado desse desastre, Vítor Barna teve que recolher a uma clínica com o antebraço direito esmagado, onde lhe foi ajustada uma placa de platina. Tudo indicava que seria um «caso» perdido, mas felizmente, assim não aconteceu e o húngaro voltou de novo à actividade. A sua boa estrela não se havia apagado ainda.

Mais altos triunfos o aguardavam; e à sua lista de campeão de mundo, em singulares, Barna alcançou o mesmo título oito vezes; em pares e dois títulos em mistos, que somados aos cinco em singulares totalizam quinze.

E muitas foram as vitórias em torneios internacionais, quase impossíveis de descrever. Entre outros, Vítor Barna conta no seu activo os seguintes: mais de 100 títulos nacionais; vencedor da Inglaterra, França, América, Hungria, Alemanha, Áustria e Austrália; e o Torneio de Abertura Britânico 20 vezes... e ganhou para cima de dois mil prémios!...

Vítor Barna deixou de jogar em singulares em 1950, mas continuou em pares até 1955, ano em que foi derrotado na final do Campeonato do Mundo em Wembley.

*

Em 1953, quando o Campeonato do Mundo se realizou em Bombaim, os japoneses apareceram pela primeira vez como sérios candidatos ao título. Barna emparceirava com Rosalinda Rowne, grande jogadora inglesa.

Os nipónicos, informados do poderoso «backhand» de Barna, estudaram-no persistentemente durante uma semana. Mas tiveram de se curvar perante a extraordinária técnica do grande Barna que venceu facilmente por três jogos a um.

*

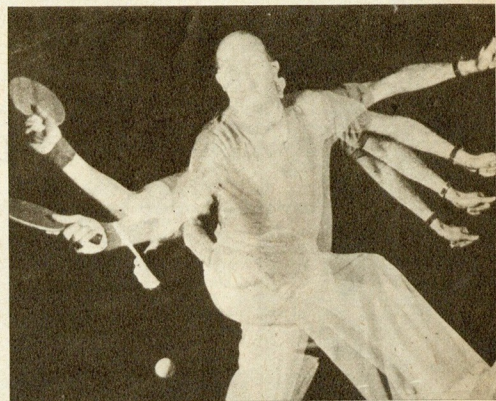
O último jogo oficial da carreira de Barna realizou-se em 1955 e terminou da maneira mais dramática que se pode imaginar. Barna bateu os adversários até que na final — coincidência curiosa — teve como adversário o seu compatriota Mikes Szabados.

O campeão foi sempre à frente na pontuação, mas de repente, reconheceu a sua inferioridade física; devido ao cansaço Barna deixou cair a raqueta e Mikes aproveitou o «handicap» para igualar a marcação aos 18 pontos.

Quase instantaneamente Barna passou a raqueta para a mão esquerda e perante a surpresa dos assistentes e estonteamento de Mikes aplicou o seu famoso «backhand» e fez os três pontos que faltavam, vencendo o jogo de forma espectacular!

Vítor Barna é hoje o capitão geral da equipa inglesa, mas não jogador.

Nota — «Backhand» é um golpe do jogo de ténis que consiste em jogar a bola para o lado esquerdo do jogador da direita (ou vice-versa).



Soluções dos passatempos deste número

FOTO-ENIGMA — época de 1946-47.

DAMAS — 20-23, 22-18, 23-27, 30-23; 16-30-21 e ganham.

XADREZ — Este problema foi composta para o «match» Luso-espanhol e foi classificado em 2.º lugar pelo juiz inglês C. S. Kipping, que formulou o seguinte veredicto: «Tema Português, V. Santos, Sol. 1.C.Xd4. Apresentação do tema Herpay. Não há muita variedade e certamente a variante de desprezajem de Dama é vulgar, porém, os câmbios de mate introduzidos pela chave nas duas principais variantes fazem este problema muito engenhoso» N. R. — Os mates mudados são: antes da chave, jogo aparente 1...Cc7—d5, 2. D X d. Depois da chave feita, é substituído por 2. Cc6 mate. Se Cf6—d5; 2. Dc2 (antes da chave, o mate era 2. Cc5).

PALAVRAS CRUZADAS — **Horizontais:** 1. Arma, apor; 2. Amaro; 3. Lar, som; 4. Em, cal, pi; 5. Tour, eden; 6. Ir, uou, ra; 7. Sal, Pan; 8. Artur; 9. Opio; rede. **Verticais:** 1. Atletismo; 2. Amora; 3. Mar, lai; 4. Ane, cru, ro; 5. Aia, set; 6. Sr., leo, Ur; 7. Aos, Pré; 8. Opera; 9. Ruminante.

DI STEFANO

o milionário

colabora com o fotógrafo

Amável, compreensivo, educado para com os jornalistas como para os fotógrafos, Alfredo Di Stefano pode servir de exemplo em tudo e por tudo a muito jogadorzinho que por aí anda convencido de que é um ás...

Esta foto é elucidativa. Ele, Di Stefano, considerado o maior e o mais milionário de todos os futebolistas do Mundo, não opôs dificuldade alguma em servir a originalidade do fotógrafo.

Uma Taça, a bola sobre ela e Di Stefano saltando.

Puro espírito de colaboração entre o ídolo e o fotógrafo, em atenção àquele público sempre ávido de fantasia e originalidade.

Sabe que equipa é esta?

Eis aqui o Sporting — Campeão de Lisboa da época de... A verdade é que não é fácil dizê-lo, porque faltam dois elementos titulares: Canário e Jesus Correia. Reconhecem-se, sem esforço: Albano, Travaços, Peyroteo, Vasques, Manuel Marques, A. Ferreira, Juvenal, Barrosa, Veríssimo, Mateus e Azevedo, tal como alinharam (não por esta ordem, claro), no jogo final.

Acrescentemos que neste ano se disputou o último campeonato de Lisboa. Repetimos: época de.....

(Resposta na solução dos passatempos deste número na página 3).

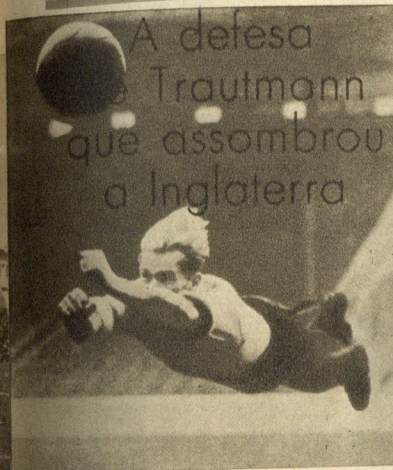


O esquiador solitário

O sol beija ternamente a neve por entre os troncos das árvores da floresta silenciosa.

Indiferente à beleza do panorama, o esquiador solitário caminha lentamente ao encontro da montanha...

...E depois será o deslizar vertiginoso, os ziguezagues enebriantes, a correria alegre pela pista branca...



A espectacular estirada que se vê na gravura, foi a defesa que assombrou a Inglaterra no ano de 1956. Foi executada no jogo final da Taça de Inglaterra, pelo fenomenal guarda-redes alemão e antigo prisioneiro de guerra Bert Trautmann. A crítica inglesa classificou a fantástica defesa como a «melhor do ano».

Pouco depois, Bert Trautmann, perdeu o seu filho único num desastre de viação, e afastou-se das competições desportivas, durante bastante tempo, vergado ao peso do seu desgosto.



Alves Barbosa e outros desportistas vão estreiar-se no cinema

Decididamente, os nossos realizadores cinematográficos resolveram seguir directrizes diferentes, preferindo ao que parece, os ambientes desportivos para campo das suas novas iniciativas. É o caso de Henrique Campos, um dos nossos profissionais de cinema mais distintos e grande entusiasta pelo desporto, que também decidiu aproveitar uma cena não menos emocionante e oportuna: a Volta a Portugal em Bicicleta.

O filme, que terá por título «O Prémio da Mon-



Alves Barbosa

tanha», regista a estreia no cinema do popular corredor Alves Babosa.

Outra notícia sensacional, é precisamente a colaboração de

Baptista Pereira, «ídolo» popular

mais dois desportistas de categoria internacional — Baptista Pereira, vencedor da Travessia da Mancha, e Manuel Faria.

**RAUL SOLNADO O POPULAR CÔMICO DO NOSSO
TEATRO NA VOLTA A PORTUGAL...**

E como nota alegre deste filme desportivo, registamos a presença do conhecido artista Raul Solnado, que será o companheiro inseparável de Alves Barbosa, nas acidentadas peripécias decorridas na prova, que terá o seu início em Agosto, e que o realizador Henrique Campos aproveitará para dar a primeira volta à manivela de «Prémio da Montanha».



Manuel Faria, apresentado na T. V. brasileira por Raul Mota, parece que está a cantar, mas está apenas a falar...



Raul Solnado e a sua bicicleta prometem bastos momentos de boa disposição.

reflexões pitorescas sobre o futebol

— Um desafio de futebol é, para o espectador interessado, uma tragédia em três actos. Ao principiar o jogo, ele conta ganhar; ao intervalo, espera pelo menos empatar; no fim chega à conclusão que está perdido.

— Para o mesmo espectador, em geral, o golo da sua equipa foi obtido num remate formidável. O mesmo golo, visto pelo adepto contrário, foi simplesmente devido à indecisão da defesa...

— Todas as vezes que um jogador, ao «entrar a um adversário», faz um «compasso» e levanta uma perna ao nível do peito, é como se estivesse abrindo uma descomunal navalha.

Humor desportivo

Melhoria

Certo jogador de Ténis, que costumava perder sempre, depois de um jogo concluiu que, não obstante a derrota, estava fazendo progressos. Perguntou então ao rapazinho que apanhava as bolas:

— Então meu rapaz, não notaste qualquer melhoria em mim?

— Sim, senhor, realmente reparei. É o «pul-lower» que é novo, não é?

Dar e receber...

Na aula:

O professor, depois de uma lição de moral: — ...E como vêem, meus meninos, mais vale dar, do que receber!

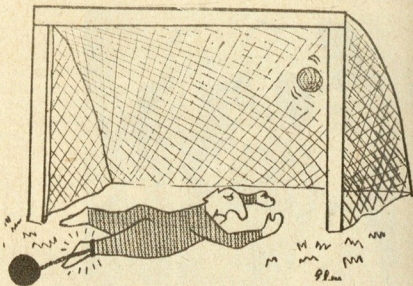
Um aluno — O meu paizinho também diz isso...

Professor — O seu paizinho tem muito bom coração. Qual é a profissão dele?

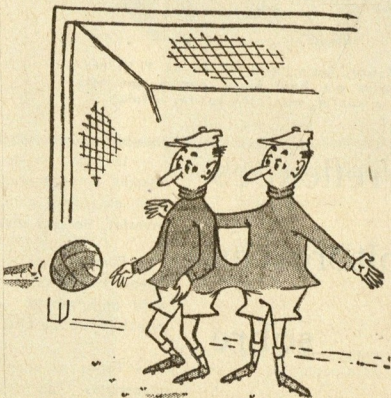
O aluno — É pugilista...



Whoouuuuaah!!!...



SEM PALAVRAS



SEM PALAVRAS

As imagens que publicamos foram colhidas numa antiga escola feminina de «jiu-jutsu», na Inglaterra. A avaliar por elas, não há dúvida que o milenário jogo de destreza é um desporto para o qual não há «sexo fraco»...



O «jiu-jutsu» é originário da China ou do Japão?

Geralmente confere-se ao Japão paternidade do «jiu-jutsu». É de facto o método de luta nacional dos nipónicos. Todavia, segundo os investigadores esse processo felino e ardiloso de combate é originário da China. Há muitos milhares de anos que os chineses praticavam o judo. Coube, porém, aos japoneses codificarem o método, nacionalizando-o por isso.

A primeira apresentação na Europa deste processo milenário do fraco vencer o forte verificou-se na Exposição Universal de Paris em 1900.

Em Portugal, foi o célebre professor Sada Kasu Uvenish (Raku) quem introduziu o jogo. Ficaram famosos os combates que efectuou no Coliseu, contra os mais fortes lutadores que aceitaram o repto. O entusiasmo do público era levado ao rubro, chegando-se a partir cadeiras...

Uma luta heterodoxa é a do «jiu-jutsudista» contra o pugilista, o que dá espectáculos empolgantes para os apreciadores dos desportos violentos, sendo o resultado variável consoante a categoria dos lutadores.





ÍDOLOS QUE A MORTE LEVOU

«mestre»

ARTUR

jogador genial
fundador do Belenenses
e seu primeiro treinador
no Campeonato das Ligas

O futebol português já passara da fase embrionária. Já saíra do tempo dos «pioneiros» — os Pintos Bastos e outros — e criara raízes, que começavam a afundar-se, no sentimento popular.

Dos lados de Belém, da praia, surgiam jogadores que se sobrepunham a todos os outros. Pela habilidade, pelo espírito combativo, pela dedicação, pela vontade que punham na luta, nesse tempo em que o futebol «chispava», era labareda alta de entusiasmo.

Desse grupo um nome se agigantava. O de Artur José Pereira, jogador de rara intuição, de temperamento vigoroso, de lutador intemerato. Foi do Benfica, do Sporting e terminou no Belenenses, o clube da Cruz de Cristo, o clube que ajudou a fundar, o seu clube do coração.

Tinha 30 anos quando fundou o Belenenses. Só o representou durante três épocas. O 1.º Portugal-Espanha realizou-se na sua penúltima época de actividade. Não

foi seleccionado, como merecia o seu passado de glória... Assim, dá-se este caso curioso: o jogador português tido por muitos como o nosso melhor de todos os tempos nunca foi «internacional»...

Quando abandonou a actividade como jogador, fez-se treinador. Primeiro no F. C. Porto e no Sporting. Progresso. Mais tarde no Belenenses, sendo o seu treinador, quando começaram os campeonatos das Ligas, em 1935.

Ainda vivo, com 53 anos, mas já não assistindo, devido a doença, realizou-se nas Salésias um festival em sua homenagem.

«Mestre» Artur foi um símbolo nessa época histórica do futebol lusitano. Deixou uma recordação que jamais se apagará, porque nas páginas da história do jogo o seu nome refulge como poucos. Agora que o nosso futebol está recheado de «ídolos», é oportuno recordar «Mestre» Artur, apontando-o aos novos como o exemplo do brio e da dedicação.

Espectáculo-extra

Não está mais na mão dos sul-americanos saber dominar os nervos, no decorrer de uma empolgante partida de futebol, quando toca a discordar-se disto ou daquilo. E então o campo de futebol torna-se num gigantesco ringue, onde ferve o soco, o pontapé... e os «cassetetes», quando a polícia entra em acção e os prevaricadores querem mais festa ainda...

Um dos espectáculos mais grotescos são as corridas dos jogadores atrás uns dos outros, quando não atrás dos treinadores e dirigentes que se metem de permeio, ou do desgraçado árbitro...

O público — ou parte do público, porque também o haverá bem formado — exulta com este espectáculo extra, não incluído, no preço do bilhete do futebol. Por vezes entra também no arraial e então é que é a coisa se tona feia de verdade.

A imagem que apresentamos foca um «ligeiro» incidente algures na América do Sul, onde à parte um ou outro «galo», as coisas se recomparam com a entrada conciliadora das autoridades...



A tarde está quente e o sol desce a pino sobre a terra.

Ao longo da estrada, por entre os milheirais víçosos, indiferente ao calor, ao espectáculo da natureza, o pelotão segue em fila indiana, pouco disposto a lutar.

A imagem é de belo recorte poético e dá-nos a ilusão de que os homens surgem, quais fantasmas, do veio da terra.

Quando o sol queima a caravana



Curiosidades do futebol francês e português

A «Taça de França» disputa-se desde 1917-18 e jamais foi interrompida, mesmo durante a guerra!

★

O primeiro vencedor da «Taça de França» foi o Olympique de Paris, que bateu o F. C. Lyon por 3-0.

★

Os resultados mais folgados das finais registraram-se no período da guerra; 1942-43 — Olympique de Marseille-Girondino, 2-2 e 4-0 e 1943-44 — Lorraino-Champagne (equipas federais), 4-0.

★

Antes da «Taça de França» disputava-se um troféu oferecido pelo famoso criador dos jogos Olímpicos Modernos, Barão de Caubertin.

Esse troféu disputou-se de 1907 a 1914 e na primeira final o Etoile des Deux Lacs bateu o S. M. de Puteaux por 5-4.

★

A França já enfrentou seleções de 26 países, o que é realmente notável. Eis os resultados dos primeiros encontros com cada nação:

1904 — Bélgica, 3-3 em Bruxelas.

1905 — Suíça, vitória da França por 1-0 em Paris.

1906 — Inglaterra (amadores), 15-0 em Paris (1).

1908 — Holanda, vitória da França por 4-1, em Rotterdam.

1910 — Itália, 6-2 em Milão.

1911 — Luxemburgo, vitória da França por 4-1, no Luxemburgo.

1911 — Hungria, 3-0 em Charenton-leu.

1921 — Irlanda, 2-1 em Paris.

1922 — Espanha, vitória da França por 4-0 em Bordeaux.

1923 — Noruega, 2-0 em Paris.

1925 — Áustria, 4-0 em Paris.

1926 — Portugal, vitória da França por 4-2 em Toulouse.

1926 — Jugoslávia, vitória da França por 4-1 em Paris.

1928 — Checoslováquia, 2-0 em Paris.

1930 — México, vitória da França por 4-1, em Montevideo (Campeonato do Mundo).

1930 — Chile, 1-0 em Montevideo (Campeonato do Mundo).

1930 — Argentina, 1-0, em Montevideo (Campeonato do Mundo).

1930 — Escócia, 2-0 em Paris.

1931 — Alemanha, vitória da França por 1-0 em Paris.

1932 — Roménia, 6-3 em Bucareste.

1932 — Bulgária, vitória da França por 5-3 em Sofia.

1933 — Gales, 1-1 em Paris.

1935 — Suécia, vitória da França por 2-0 em Paris.

1937 — Eire, 2-0 em Paris.

1939 — Polónia, vitória da França por 4-0 em Paris.

1955 — Rússia, 2-2 em Moscovo.



A «Taça de Portugal» disputa-se desde 1938-30, e já teve as seguintes interrupções: 1946-47 e 1949-50.

★

O primeiro vencedor da Taça de Portugal foi a Académica, que venceu o Benfica por 4-3.

★

O resultado mais folgado das finais da «Taça» registou-se em 1943-44: Benfica, 8 — Estoril, 0.

★

Portugal já defrontou seleções de 24 países, o que não deixa de ser apreciável, atendendo à posição geográfica do nosso país. Resultados dos primeiros encontros em cada nação:

1921 — Espanha, 3-1 em Madrid.

1925 — Itália, vitória de Portugal por 1-0, em Lisboa.

1926 — Checoslováquia, 1-1 no Porto.

1926 — França, 4-2 em Toulouse.

1926 — Hungria, 3-3 no Porto.

1928 — Argentina, 0-0 em Lisboa.

1928 — Chile, vitória de Portugal por 4-2, em Amsterdão (Jogos Olímpicos).

1928 — Jugoslávia, vitória de Portugal por 2-1 em Amsterdão (Jogos Olímpicos).

1928 — Egipto, 2-1, em Amsterdão (Jogos Olímpicos).

1930 — Bélgica, 2-1 em Antuérpia.

1936 — Áustria, 3-2 no Porto.

1936 — Alemanha, 3-1 em Lisboa.

1938 — Suíça, 2-1 em Milão (Campeonato do Mundo).

1946 — Irlanda (Eire), vitória de Portugal por 3-1, em Lisboa.

1947 — Inglaterra, 10-0, em Lisboa.

1949 — País de Gales, vitória de Portugal por 3-2, em Lisboa.

1950 — Escócia, 2-2 em Lisboa.

1953 — África do Sul, vitória de Portugal, 3-1 em Lisboa.

1955 — Luxemburgo, vitória de Portugal (B) por 3-1 em Lisboa.

1955 — Sarre, vitória de Portugal (B) por 6-1.

1955 — Suécia, 6-2 em Lisboa.

1955 — Turquia, 3-1 em Istambul.

1956 — Brasil, 1-0 em Lisboa.

1957 — Irlanda do Norte, 1-1 em Lisboa.

Coincidência curiosa ligou os dois veteranos do último Portugal-França — Roger Marche, francês e Manuel Passos, português. Ambos se despediram, sem o julgar, da actividade oficial nesse desafio internacional.

Manuel Passos pelos motivos que são do domínio público, e que referimos desenvolvidamente em recente entrevista com o antigo «capitão» do Sporting e da selecção nacional. E Marche, porque tendo atingido a sua 56.ª internacionalização e já com 33 anos de idade achou o momento de se «reformatar».



O melhor «score» de Portugal foi obtido pela selecção B (6-1 ao Luxemburgo). Da «A» foi 4-0 (França, em 1927; Hungria, em 1938, e Egipto, no Cairo, em 1955).

*

Portugal já sofreu algumas goleadas; mas a partir da «meia dúzia», foram só: 9-0, contra a Espanha em 1934 e Inglaterra 10-0, em 1947.

*

O campeonato de França, de amadores disputa-se desde 1926-27, o de Profissionais, desde 1932-33.

Eis a lista dos campeões franceses (profissionais):

1933 — Olympique Lillois; 1934 — F. C. Sete; 1935 — F. C. Sochaux; 1936 — Racing Paris; 1937 — O. Marselha; 1938 — Sochaux; 1939 — F. C. Sete; 1940 — Não se disputou devido à Guerra e nas seguintes, desdobrado pelo mesmo motivo: 1941 — Red Star (zona Norte) e Marselha (zona Sul); 1942 — Reims (Norte) e Sete (Sul); 1943 — Racing Lens (Norte) e Toulouse (Sul); 1944 — Artois (federal); 1945 — F. C. Rouen; 1946 — Lille O.; 1947 — O. Roubaix; 1948 — Marselha; 1949 — Reims; 1950 — Girondins; 1951 — O. Nice; 1952 — O. Nice; 1953 — Reims; 1954 — Lille; 1955 — Reims; 1956 — O. Nice; 1957 — St. Etienne.

*

A França foi o primeiro campeão mundial de juniores, tendo batido na final a Holanda por 4-1, em 1949.

*

Entre Selecções nacionais A e B e de Amadores, a França já disputou mais de 300 desafios internacionais.

A França já sofreu algumas «goleadas» como: 15-0, 12-0, 11-0, 10-1, e 8-1, dos Bélgica em 1913; 8-1 da Espanha em 1929; amadores da Inglaterra (até 1913); 7-1 da 8-1 da Holanda, em Amsterdão em 1923; 13-1 da Hungria, em 1927; 9-4 e 7-1 da Itália em 1920 e 1925.

*

O campeonato de Portugal de Futebol disputa-se desde 122. Até 1938 foi pelo sistema de eliminatórias; depois por torneio em «poule». Eis a lista dos campeões:

1922 — F. C. Porto; 1923 — Sporting; 1924 — Olhanense; 1925 — F. C. Porto; 1926 — Marítimo; 1927 — Belenenses; 1928 — Carcavelinhos; 1929 — Belenenses; 1930 — Benfica; 1931 — Benfica; 1932 — F. C. Porto; 1933 — Belenenses; 1934 — Sporting; 1935 — Benfica; 1936 — Sporting; 1937 — F. C. Porto; 1938 — Sporting; 1939 — F. C. Porto; 1940 — F. C. Porto; 1941 — Sporting; 1942 — Benfica; 1943 — Benfica; 1944 — Sporting; 1945 — Benfica; 1946 — Belenenses; 1947 — Sporting; 1948 — Sporting; 1949 — Sporting; 1950 — Benfica; 1951 — Sporting; 1952 — Sporting; 1953 — Sporting; 1954 — Sporting; 1955 — Benfica; 1956 — F. C. Porto; 1957 — Benfica.

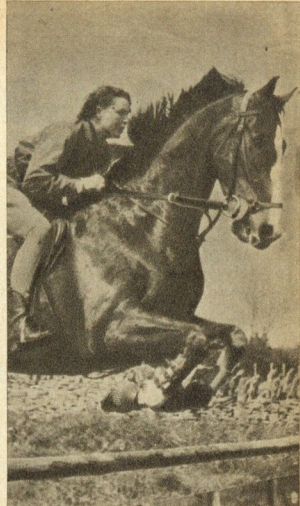
*

As selecções de Portugal já disputaram, precisamente, os seguintes números de jogos: Selecção A: 95. Selecção B: 8. Selecção de Juniores: 7.

*

A parte os jogos com o Luxemburgo, onde se registaram vários resultados desnivelados (8-0, o maior, duas vezes), o melhor «score» da França foi contra a Bulgária, 1938 e País de Gales, em 1953, ambos em Paris por 6-1.

UMA AMAZONA DE CATEGORIA MUNDIAL



Amazona distinta, Miss Pat Smyth é considerada como a primeira figura feminina do hipismo mundial contemporâneo.

Pat Smyth que tomou parte em quase todos os torneios hípicos internacionais, tem saído vencedora de grande maioria por mérito absoluto.

Para tais êxitos muito têm contribuído os seus cavalos, especialmente treinados.

Ainda há pouco a Rainha Isabel II, honrou Miss Pat com a sua visita por ocasião de mais uma das suas vitórias.

Na foto pode admirar-se a harmonia, o ritmo e a classe de Miss Pat e do seu cavalo!...

A bicicleta, como a maioria dos inventos revolucionários do século passado, teve de enfrentar toda a espécie de críticas.

Um dos conceitos com que se pretendia rebaixar a máquina é que ela obrigava o tripulante a fazer de animal, pois era ele que tinha de puxar-se a si próprio.

Na célebre Exposição de Paris de 1900, figurou uma bicicleta, que, para provar a sua resistência, era montada por um anafado ciclista de 250 quilos...

Hoje, as competições velocípedas são o regalo de milhares desportistas.

Uma fábrica alemã, de Berlim, construiu uma bicicleta com cerca de cinco metros, da altura de um primeiro andar e que pesava cerca de mil e quinhentos quilos!

Um dos conceitos com que se pretendia rebaixar a máquina é que ela obrigava o tripulante a fazer de animal, pois era ele que tinha de puxar-se a si próprio.

Hoje, as competições velocípedas são o regalo de milhares desportistas.

Hoje, as competições velocípedas são o regalo de milhares desportistas.

Hoje, as competições velocípedas são o regalo de milhares desportistas.

Hoje, as competições velocípedas são o regalo de milhares desportistas.

Hoje, as competições velocípedas são o regalo de milhares desportistas.

Hoje, as competições velocípedas são o regalo de milhares desportistas.

A propaganda da bicicleta no final do século passado

I N S T A N T Â N E O S



Quanta harmonia de movimentos no bailado dos jogadores do Nice e do Saint-Etienne...



... Na prisão de Bernard, guarda-redes do Girondins de Bordéus...



... E no «Alta» de Barea enstara o Belenenses Divisa...

... A graça, o entusiasmo, na espectacularidade destes jogadores gregos, são admiráveis.

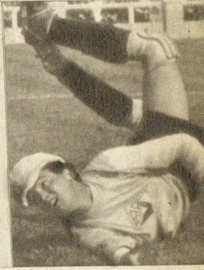
... O estilo de Hernâni — olhos postos na bola, descaído para um lado, sem se descurar, pronto a desferir o seu mortífero remate...

O futebol, Desporto-Rei, espectáculo das multidões, fornece-nos, domingo a domingo, *milhentas* atitudes de uma curiosidade inigualável, de que damos nestas páginas e seguintes, algumas sugestivas imagens:



... Que tal esta pirueta do belga Coppens?...

... Que dizer deste esforço baldado de Ramim, novo guarda-redes do Belenenses. que com o corpo refesado para trás, vê a bola a entrar na baliza?



D E S . M . O F U T E B O L



A ESQUERDA: ... E esta cabeça, em mergulho, de «Juca» — o jogador de quem se sente saudades, tão prolongado tem sido o seu afastamento?

EM CIMA: ... A maneira fulgurante como Hugo «rompe» a defesa adversária...



A DIREITA: ... Na verticalidade do italiano Baldini...



A ESQUERDA:

... A mão de este jogador francês, que vai buscar a bola ao fundo da rede...



A DIREITA:

... É fantástica a exuberância bem sul-americana, do argentino-espanhol, Rial... do Madrid.



★
Por toda a parte, na França, em Portugal, na Espanha como em Itália, na Grécia como na Inglaterra, Futebol é Rei!...

Notícia dos clubes populares

Aqui está um clube, que, apenas com 196 sócios, com uma cotização mensal que não chega a mil escudos (os homens pagam 5\$00 e as senhoras 2\$50), consegue, mesmo assim, «fazer coisas».

Mais de um terço da sua receita ordinária vai para a renda da casa (350\$00), mas a frequência e divertimentos da sede, permitem «equilibrar» o «barco».



A valorosa equipa de basquetebol — desporto que o «Castelo» vai voltar a praticar.



A equipa de futebol do G. D. Castelo treinada pelo consagrado jogador do Benfica, Francisco Calado.

O G. D. Castelo

já teve o benfiquista CALADO por treinador

O Grupo Desportivo do Castelo — pois é dele que falamos — foi fundado em 1 de Junho de 1934 e a sua sede funciona no primeiro andar do prédio n.º 15 da Rua das Flores de Santa Cruz.

Desde a sua fundação que se encontra inscrito na Associação de Futebol de Lisboa. Presentemente só na categoria dos juniores, fazendo parte da II Divisão distrital. O clube já conquistou um título de campeão da III Divisão da A. F. L. e o jogo de passagem facultou-lhe a entrada na II Divisão, sendo nessa altura treinador o excelente jogador benfiquista Calado. Em virtude das crescentes obrigações para com o Benfica, Calado teve de abandonar a orientação técnica da sua turma com bastante mágoa dos «castelenses», que o elegeram seu «sócio honorário».

Os futebolistas do G. D. Castelo são rigorosamente amadores, pagando até do seu bolso as passagens. Tinham também categoria de juniores, que na época anterior baixou à II Divisão distrital, não tendo sido inscrita este ano, o que esperamos não se repita na próxima época, pois a categoria de juniores, será sempre o alfobre do nosso futebol, nos grandes como pequenos clubes.



O G. D. Castelo disputou na época de 1955-56 o torneio da III Divisão regional e o cam-

Quatro directores do G. D. C. em acção: Sêrvulo da Silveira (vogal), Rui Lourenço (vice-presidente), João Rodrigues (secretário-geral) e Anselmo Pereira (secretário-adjunto).

peonato da II Divisão nacional, tendo ficado inactivo na temporada finda. Isso não acontecerá na próxima, pois o basquetebol é uma das modalidades queridas no bairro.

Também em ténis de mesa, o G. D. Castelo tem disputado algumas provas populares.

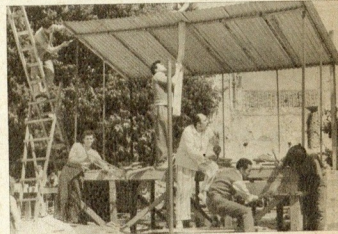
O simpático clube mantém também um curso de Educação para Adultos que funciona na Escola Oficial n.º 5, e cuja frequência média é de 30 alunos.

Na quadra dos Santos populares funcionou uma verbenha construída com a ajuda de alguns sócios, e cujas receitas reverteram para um fundo de beneficência. O terreno foi cedido pelo sr. capitão Salvador da Assunção, contando ainda o clube com o auxílio generoso de outros particulares, como os srs. José Pedro Sommer Ribeiro e dr. Carlos Alberto Fernandes da Costa, na campanha de beneficência, que todos os anos o clube leva a cabo, por alturas do seu aniversário ou do Natal.

A aspiração premente do G. D. Castelo é a construção de um ginásio. A cobertura dum recinto anexo à sua sede e a um dos muros do Castelo de S. Jorge resolveria o problema. Havia projecto e verbas asseguradas, mas a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais tem negado a autorização necessária.

Por isso o G. D. Castelo continua a sonhar... O que é facto é que um ginásio naquede populoso bairro seria de grande utilidade.

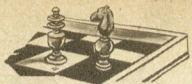
A finalizar, um apontamento, que satisfará a curiosidade daqueles que nunca viram actuar as equipas do G. D. Castelo e que observarem as nossas fotos. As cores do equipamento assemelham-se aparentemente às das representações desportivas lisboetas, mas na realidade, é-o mais no desenho, porquanto o amarelo substituiu o branco, isto é, as cores do G. D. Castelo são o amarelo e o negro, o que se torna muito vistoso.



EM CIMA: Sócios construindo uma verbenha.

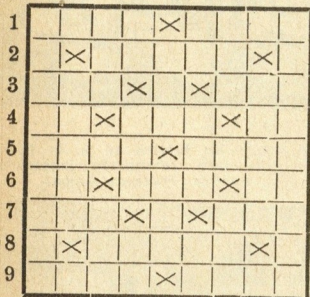
EM BAIXO: Sócios recreando-se na sede, jogando as damas e cartas, enquanto um deles espera adversário para a «mosa de futebol».





Palavras cruzadas

1 2 3 4 5 6 7 8 9

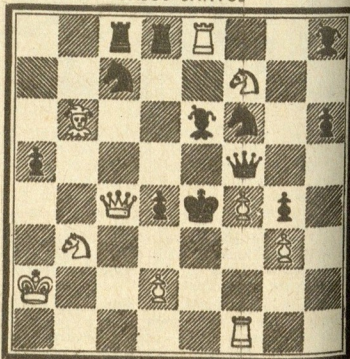


Horizontais: 1 — Classe de militares, aplicar; 2 — «Internacional»; 3 — Casa, emissão; 4 — Preposição, nome vulgar de óxido de cálcio, letra grega; 5 — Nome por que é conhecida a «Volta a França» em Bicicleta»; 6 — Distar, emprego, o sol dos egípcios; 7 — Chiste, personagem mitológico; 8 — «Internacional»; 9 — Suco narcótico extraído de diversas espécies de papoilas, apetrecho da baliza.

Verticais: 1 — Modalidade desportiva; 2 — Clube da A. F. Setúbal; 3 — Oceano, pequeno poema da Idade Média; 4 — Cruel, letra grega; 5 — Camareira, parte de um jogo em certos desportos; 6 — Viração, constelação zodiacal, cidade da antiga Caldeia; 7 — Substância pulverizada, soldo do soldado; 8 — Poema dramático ou lírico, sub-ordem de mamíferos artiodáctilos.

Xadrez

VASCO SANTOS

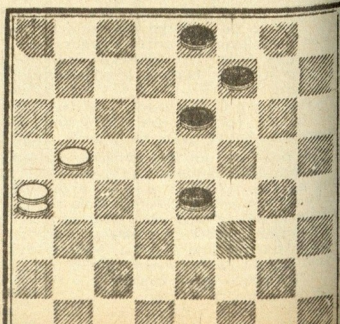


Mate em dois lances

Damas

AMADEU M. COELHO
Boliveime (Algarve)

Jogam as brancas e ganham



apresenta
a biografia
de

Costa Pereira



o melhor
guarda-redes
moçambicano
de todos
os tempos!



É assim que treina Costa Pereira.

A ALBERTO COSTA PEREIRA ofereceu-nos a sua autobiografia poucos dias antes da partida para o Brasil. Andava afadigado, como todos da comitiva, com os últimos preparativos para a grande viagem transatlântica, mas nem por isso deixou de atender o nosso pedido, com a afabilidade que sempre o caracterizou, e que o tornam particularmente simpático no meio jornalístico, como qualquer sector que com ele prive.

O valoroso guarda-redes do Benfica começou assim a sua história:

— Nasci em Nacala, na ante-véspera do Natal de 1929. A minha casa ficava pertinho da praia do Lumbo, e por isso a minha meninice foi passada neste triângulo: lar-escola-praia.

«Mais tarde fui para Nampula, devido à transferência profissional de meu pai.

— Ai não havia praia...

— A praia foi substituída pelo campo do Ferrovário. Era para ali que ia, depois das 5 horas da tarde, acabadas as aulas.

— Jogar?

— Ver treinar e apanhar as bolas que iam para fora, para assim poder aplicar uns pontapézinhos.

— Tinha algum «ídolo»?
— Entre os jogadores de lá, não. A minha admiração ia toda para os «craques» brasileiros.

E acrescentou:

— O Ademir era o meu favorito pelo que lia e ouvia falar...

— Mas porquê essa atracção pelos «craques» brasileiros?

— Eram muito famosos em Moçambique. Mas os nossos melhores jogadores também eram muito populares. Nesse tempo pontificava o Azevedo, Peiroteo, tempo pontificavam o Azevedo, Peiroteo,

INTERRUPÇÃO FORÇADA POR DUAS GENTIS ADMIRADORAS

Neste momento, tivemos de interromper a entrevista.

Duas jovens — uma linda «moreninha» e outra não menos interessante loura — entraram na casa de chá onde nos acolheramos e dirigiram-se ao guarda-redes e uma delas, sem trair o desembaraço, disse:

— Desculpem-nos. É o sr. Costa Pe-

reira, não é verdade? Queríamos pedir-lhe o obséquio de nos dar dois autógrafos...

Costa Pereira, claro, como perfeito cavalheiro, não se fez rogado — e a nossa caneta vou para as mãos dele, para firmar a sua apreciada assinatura em fotografias suas que as beldades traziam. Agradeceram com lindos sorrisos, pediram desculpa do incómodo e desapareceram.

— Isto acontece muitas vezes? — inquirimos.

— Não muitas, mas acontece...

— Aprecia a popularidade?

— Bem, tem a sua graça...

— Você quando estava em África não supunha que «isto» era assim, não?

— Não fazia a mais pequena ideia, confesso. Também, não imaginava que as responsabilidades fossem tantas...

ESTUDOS E TRABALHO

Reatámos o fio da nossa conversa:
— Bem, o que já lhe contei passou-se até a idade dos doze anos. Depois fui es-

tudar para Lourenço Marques, primeiro para casa duns tios, mas depois, quando estes vieram para a Metrópole fiquei internado num colégio, frequentando, ao mesmo tempo, a Escola Técnica.

— Estudou até quando?

— Até aos 18 anos. Só não tenho o curso industrial completo, por ter «chumbado» em duas disciplinas.

— Quais, por curiosidade?

— Físico-química e tecnologia.

— Conta completar algum dia o seu curso?

— Não. O de guarda-livros sim. Interessa-me mais.

— Depois de deixar os estudos, o que fez?

— Empreguei-me no Caminho de Ferro, na Divisão da Exploração de Transportes Aéreos.

O PRIMEIRO CLUBE... «EXTRA-OFICIAL»

Reatando, mais uma vez, a narrativa da sua «infância desportiva», Costa Pereira continuou:

«Agarra Costa Pirêra!»



— Teria uns quinze anos, quando comecei a jogar em equipas a sério, mas não em torneios oficiais. O meu «clube» (e o do «Juca») era o «Imperial» e jogava a interior. As cores do nosso equipamento eram: camisola encarnada e calção azul. Depois, o clube acabou e passei a jogar no União, onde jogava o antigo «ídolo» do Porto, «Costuras», e alguns «crades» de lá. Só eu e um rapaz chamado Reis éramos miúdos. Nessa equipa, tínhamos camisola amarela e calção azul.

E prosseguiu:

— Depois desfez-se também o União, e formou-se o grupo do Botafogo, com equipamento igualzinho ao do nosso patrono brasileiro. Formaram-se outras equipas, com nomes doutros clubes brasileiros e disputámos até um campeonato, do qual fui, até o melhor marcador.

— Mas você era realmente bom jogador fora da baliza:

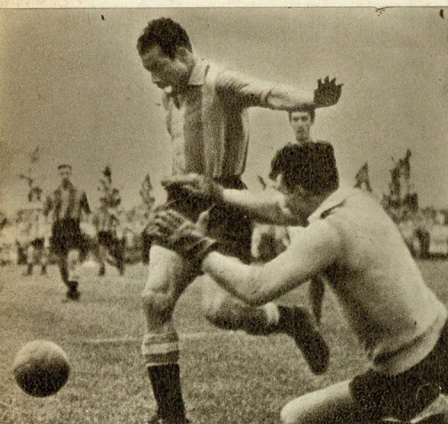
— Modéstia à parte — respondeu-nos Costa Pereira, com iniludível franqueza — era até melhor que muitos jogadores que tenho visto por cá na I Divisão!

COMO COSTA PEREIRA SE TORNOU GUARDA-REDES

— Mas, afinal, quando é que você se fez guarda-redes?

— Ah! Isso foi depois, quando já estava no Sporting de Lourenço Marques. Eu conto...

E contou o seguinte:



— A rapaziada do meu colégio frequentava um curso de vela, da Mocidade Portuguesa, e tínhamos de passar pelo campo do Sporting. Vimos então os juniores a beberem «ovomaltine». Isso aguçou-nos o apetite e assim ingressámos nos juniores dos «leões».

Citou ainda:

— Lembro-me até que me inscrevi sem licença de meu pai, que era todo «Ferroviário». Por isso passei a usar o nome de Costa Pereira, pois até ali só era conhecido por Alberto...

— E foi no Sporting que descobrimos que V. «era» guarda-redes?

— Não. Foi no colégio. Um dia o nosso guarda-redes alijou-se e eu que de brincadeira, já defendia, fui para a baliza, e...

— ...fez um grande jogo, não é assim? — completámos, que o semblante dizia tudo...

— Parece que sim. O caso constou no Sporting e passei também a defender a sua baliza.

O REGRESSO AO LUGAR DE AVANÇADO DEIXOU-LHE TRISTE RECORDAÇÃO...

— Nunca mais tornou a jogar a avançado?

— Uma vez, passados uns três anos, Pedeu ao meu treinador, que era então Severiano Correia, para me deixar fazer um jogo a avançado-centro, já nem me recordo por que razão. Lembro-me que noutro dia os meus colegas foram-me acordar para me dar a notícia de que ia jogar a avançado-centro. Era uma fé...

E Costa Pereira concluiu a evocação, dizendo:

— Pois foi quanto perdi. Um adversário com uma cabeçada cortou-me o lábio, no qual ainda hoje tenho uma pequena cicatriz (só visível para quem estiver atento, anotemos). Vai daí, não me contive e peguei-lhe dois muros e fui expulso...

— Portanto, se algum dia, tiver o azar de se magoar num jogo, mas que não o iniba de correr, vão-lhe-emos a avançado no Benfica.

— Se isso tiver que acontecer não me atrapalhará, decerto. De resto, jogar com a bola, faz parte da minha preparação física...

Em luta leal com Ben David, do Atlético.

Brilhante defesa para canto.

Longe vá o agoiro, mas havia de ser curioso ver Costa Pereira na linha dianteira do Benfica. Quem sabe se seria um «escândalo»...

O ECLETISMO DE COSTA PEREIRA

E a curiosa narrativa prosseguiu:

— Ainda na mesma época em que fui júnior, fui seleccionado (como guarda-redes) para a equipa de Lourenço Marques, contra o Transval do Sul. Depois disso fui seleccionado mais umas vinte vezes.

— Já não podia esconder a seu pai que era «Sporting».

— Pois não. Meu pai não gostou nada. Pedei transferência para o Ferroviário, mas o Sporting não me concedeu. Estive, por isso, um ano sem jogar.

E logo acrescentou:

— Não deixei, porém, de praticar desporto. Fiz-me basquetebolista, pratiquei atletismo, e até... teatro.

— Teatro?

— Sim. E numa companhia metropolitana, do empresário Giuseppe Bastos. Fiz de «Vasco da Gama» num acto, e fora do palco, incitava o Governador-geral.

— E cá, nunca pensou em seguir a carreira teatral?

— Não! É incompatível com o futebol, isto é o regime que levamos no Benfica.

— Disse que praticava atletismo. Que modalidades?

— Salto em altura, peso, estafetas... Em salto bati o «record» de estafetas de Moçambique, com 1^o.70.

Em peso, também bati o «record» de «princípios» com lançamentos com as duas mãos. Em dardo, fui 2.^o classificado.

— Tudo isso em representação do...

— Ferroviário. Assim,

Contra o Real Madrid, à vista de Di Stefano...



como o basquetebol, que cheguei a acumular com o futebol.

— E não colidiam as modalidades? — Não. O basquetebol era jogado sábado à noite. O futebol ao domingo. Como então jogava a guarda-redes, só me fazia bem...

CONVITES DO SPORTING, BENFICA E... BOLONHA

— Foi até o basquetebol que o trouxe pela primeira vez à Metrópole — lembrámos.

— É verdade. Fui o 3.^o marcador do torneio que aqui disputámos...





O jogo que poucos portugueses viram. Contra o Egito, no Cairo.

— Porque não ficou logo... como futebolista?

— A minha família nunca viu com bons olhos a minha vinda para a Metrópole. Por isso, até vir para o Benfica nunca encarei a sério os convites que me endereçaram para sair de Moçambique.

— Quem eram os interessados?

— O primeiro a manifestar-se foi o Sporting. Tinha eu 21 anos. Meu pai nem quis ouvir falar nisso. Aliás, o Azevedo estava em boa forma e eu ainda muito cru...

— Depois?

— Dois anos mais tarde, falaram-me por parte do Benfica. Mas dessa vez não quis vir. Houve ainda outras sondagem curiosa: o massagista da equipa de hóquei em patins do Desportivo de Lourenço Marques convidou-me em nome do... Bolonha, da Itália. Também não encarei a sério a hipótese...

— Até que...

— O capitão Neves tratou do caso e ingressei no Benfica — em boa hora...

UM «PENALTY» DEFENDIDO NO BARREIRO DEU-LHE CONFIANÇA DECISIVA

— Experimentou dificuldades em se impur, aqui?

— Poucas ou nenhuma. Fui bastante feliz, até.

— Em que jogo se convenceu que podia fazer grande carreira na Metrópole?

— Foi no Barreiro, contra a Cuf, depois de defender um «penalty». A partir daquele momento convenci-me que estava na plena posse dos meus recursos e capaz de fazer umas coisas jeitosas — ser útil ao Benfica, em suma

— Não era você considerado um especialista na defesa de «penalties»?

— Bem, isto de defender «penalties» depende muito dos reflexos e intuição do guarda-redes, mas também, e muitíssimo, mesmo, dos rematadores.

Neste jogo contra o Belenenses fez Costa Pereira partida memorável.



De facto, tenho sido feliz nesse aspecto. Creio que já defendi uns oito ou nove «penalties» desde que estou no Benfica. Mas em África é que a coisa foi falada.

— Conte...

— Visitou-nos o campeão da Escócia. E houve um «penalty» marcado pelo célebre Bill Steel. Pois eu defendi. No final do jogo, o «manager» escocês disse-me que eu tinha lugar na 1.ª Divisão da Escócia, não sei se pelo que fiz em todo o jogo, se pela proeza de ter defendido um «penalty» apontado pela «estrela» da equipa...

UMA LESÃO QUE O MANTEVE AFASTADO UM ANO

— Desde que está no Benfica já teve grandes alegrias e algumas tristezas... — aventámos.

— De facto; mais alegrias que tristezas, felizmente. Recordo, como as melhores tardes, o Portugal-Inglaterra, pela selecção, e um Belenenses-Benfica, que terminou empatado a zero.

— Tristeza...

— O jogo da «Taça» com o Torriense, no nosso campo. O que eu sofri, com aqueles dois «frangos!» Em contrapartida recebi inúmeras pro-



Do entendimento destes três homens depende a segurança da baliza do Benfica.



vas de simpatia incondicional de benfiquistas, que me animaram a prosseguir.

— Há também aquele jogo em que fracturou o menisco... — lembrámos.

— No momento não suspenço que a lesão fora tão grave. Pois joguei até ao fim...

— Como lhe sucedeu esse precalço?

— Foi no Portugal-Hungria. O Puskas passou a bola por alto ao Kocis. Ora, como eu não sabia que este saltava muito bem, esforcei-me por saltar mais alto ainda. Realmente consegui, mas o pior foi quando «voltei à terra», o peso do corpo recaiu sobre a minha perna esquerda, cujo pé assentou mal no terreno. Senti um estalo no

Costa Pereira e o seu estilo...

joelho. Dai em diante, notei que cada vez que despachava a bola, me faltava a força na perna de apoio (esquerda). E que em certos movimentos me doía.

— Diz-se que, quando foi de férias, um dia, na caça, meteu um pé numa cova e ficou pior...

— Ora, o mal já cá estava. Foi no Portugal-Hungria que fracturei o menisco e desde então, para voltar ao futebol, só havia o recurso da operação.

COSTA PEREIRA VOLTARÁ UM DIA PARA MOÇAMBIQUE...

— Por falar nas suas férias — disse-me — houve muita pressão para não voltar à metrópole, não é verdade?

— Sim, sobretudo por parte dos meus pais — respondeu. — Meu pai diz que eu lhe faço falta para o ajudar nos negócios...

— E você?

— Bem, eu sinto-me bem aqui... Um dia voltarei, se Deus quiser, para Moçambique, mas quando não sei...

E quando voltar, será para continuar a jogar futebol lá?

— Não sei a vida de amanhã. A verdade é que depois de arrumar as botas no Benfica, não tenciono representar outro clube!

E acrescentou:

— Só abandonarei o Benfica para ingressar, durante uma ou outra, época, num destes grandes clubes estrangeiros que pagam principescamente. Mas como isso não é provável...

— Quem sabe? — pensámos nós — Lá pelos Brasis...

ELE E O BASTOS!

A entrevista estava no fim. Que mais nos podia contar um ídolo, cuja vida desportiva no Benfica tem sido tão dissecada? Todavia, ainda propusemos mais um tema: ele e o Bastos!

— Que pensa você desta situação criada no Benfica, com dois guarda-redes que se revezam? Qual de vocês é o titular?

— Somos os dois. Um clube como o Benfica não pode estar à mercê de ter só um guarda-redes. Assim, revezando-nos,

mantemo-nos os dois em forma. Se um se lesiona ou baixa de forma, lá está o outro para jogar o tempo que for preciso.

E acrescentou:

— Além de tudo, isto é um estímulo para ambos, pois treinamos com a vontade natural de um não deixar definitivamente o lugar a outro.

COSTA PEREIRA TREME NA BANCADA E «TORCE» POR BASTOS

— Quando está na bancada...

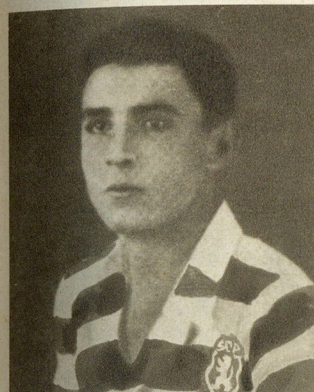
— É um sofrimento. Tenho absoluta confiança no Bastos. Mas estou a ver o jogo, sinto-me no lugar dele, e estou sempre a tremer, que, cá fora, vê-se melhor o jogo, e a missão lá dentro ainda parece mais difícil! Se faz uma boa defesa, fico naturalmente satisfeito, pois Bastos, além de ser um bom camarada, está a jogar pelo Benfica. Se erra, lembro-me que eu também não estou livre de dar a minha «franganada»...



Tem cuidado com isto! — diz Costa Pereira ao Bastos.



Outro futebol...



Costa Pereira — jogador do Sporting... aos 17 anos, em Moçambique.

— Agora, na Taça Latina, preferia ter jogado no primeiro ou segundo jogo?

— Eu já sabia que jogava só no primeiro desafio, uma vez que Bastos disputara a final da «Taça de Portugal». Portanto foi com a mesma satisfação que alihei contra o Saint-Etienne — satisfação tanto maior, quanto é certo que não senti nenhum glo.

E para que não subsistissem dúvidas sobre este comentário:

— Claro, que a tarefa de Bastos, na final da Taça Latina foi muitíssimo mais difícil e só merece parabéns por ter sido batido uma única vez. Eu não faria melhor!

*

É ponto final na entrevista. Mas com Costa Pereira o caso muda um bocado de figura. Porque há-de ser ele só a responder às perguntas? Porque não há-de ser ele também o «entrevistador»?

Ei-lo pois a entrevistar os seus... admiradores — dez perguntas que ele gostaria que lhe respondessem:



O «mestre» e o seu discípulo...

COSTA PEREIRA ENTREVISTA OS SEUS ADMIRADORES

1 — Qual a defesa que me viram fazer que mais gostaram?

2 — Qual o meu «frango» que mais lhes custou ver?

3 — Acha que se fosse jogador veria «lá dentro» as jogadas como as vê cá fora?

4 — Se errar é próprio dos homens, acha justo que se assobiem os jogadores?

5 — Já me assobiou alguma vez, leitor? Porquê?

6 — Quando eu (ou o Bastos) nos lesionamos, sente-se com coragem de descer ao campo e ocupar o posto de guarda-redes?

7 — Quando tenho que ir defender um «penalty», olha para mim ou vira a cara?

8 — Quando a equipa ganha e eu jogo mal, o que pensa de mim?

9 — Costuma incitar a «rapazada», quando estamos a perder?

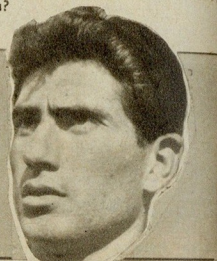
10 — Em que lugar me classifica na lista dos guarda-redes portugueses e estrangeiros, que viu actuar nos últimos três anos?

Costa Pereira perguntou e nós daremos guarida às respostas mais interessantes, limitando o prazo de recepção até ao fim deste mês. Valeu?

LER NO PRÓXIMO NÚMERO:

A história de BASTOS

— que se tornou guarda-redes porque estava a chover muito!...



★ BIOGRAFIA PROFUSAMENTE ILUSTRADA ★

ARTUR DE SOUSA («PINGA»)

Naturalidade e data do nascimento: Funchal, 30 de Setembro de 1909.

Clubes representados: Marítimo e, desde 1930-31 a 45-46, F. C. Porto.

Estreia internacional: 25 de Novembro de 1930, contra a Espanha, no Porto.

Internacionalizações: 21. Contra: Espanha 9, Suíça 4, Alemanha 2, Hungria 2, Itália, Bélgica, Jugoslávia e Áustria. Golos: 9; Espanha 5, Bélgica, Jugoslávia, Hungria e Alemanha. Capitão duas vezes.

ANTÓNIO JESUS CORRÊIA

Naturalidade e data do nascimento: Paço de Arcos, 3 de Abril de 1924.

Clubes representados: 1940-41 — Paço de Arcos S. C.; 1943-44 a 52-53 — Sporting; 1955-56 — C. U. F.

Estreia internacional: 5 de Janeiro de 1947, contra a Suíça, em 1947.

Internacionalizações: 13. Contra: Espanha 5; França 3, Irlanda 2, Suíça, Itália e Inglaterra. Golos: 3, contra a Irlanda, Espanha e Itália.

FERNANDO DA SILVA CABRITA

Naturalidade e data do nascimento: Lagos, 1 de Maio de 1923.

Clubes representados: 1939-40 a 41-42 — C. F. Esperança de Lagos; 1942-43 a 50-51 — Olhanense; 1951-52 a 52-53 — Angers (França); desde 1953-54 — Sp. da Covilhã.

Estreia internacional: 11 de Março de 1945, contra a Espanha, em Lisboa.

Internacionalizações: 11. Contra: Espanha 3; França (2 B), Áustria 2 (1 B), África do Sul, Irlanda do Norte, Sarre (B) e Brasil. Golos: 1, contra a Espanha. Capitão duas vezes.

ALBANO NARCISO PEREIRA

Naturalidade e data do nascimento: Seixal, 22 de Dezembro de 1922.

Clubes representados: 1938-39 — Barreirense (júnior); 1939-40 a 42-43 — Seixal F. C.; desde 1943-44 — Sporting.

Estreia internacional: 5 de Janeiro de 1947, contra a Suíça, em Lisboa.

Internacionalizações: 16. Contra: Espanha 3, França 3 (1 B), Itália 2, Suíça, Irlanda, Escócia, Inglaterra, Gales, Áustria, Argentina e Alemanha. Golos: 3, contra Irlanda, Escócia e Inglaterra.



JESUS CORREIA



ARTUR DE SOUSA «PINGA»



ALBANO PEREIRA



FERNANDO CABRITA